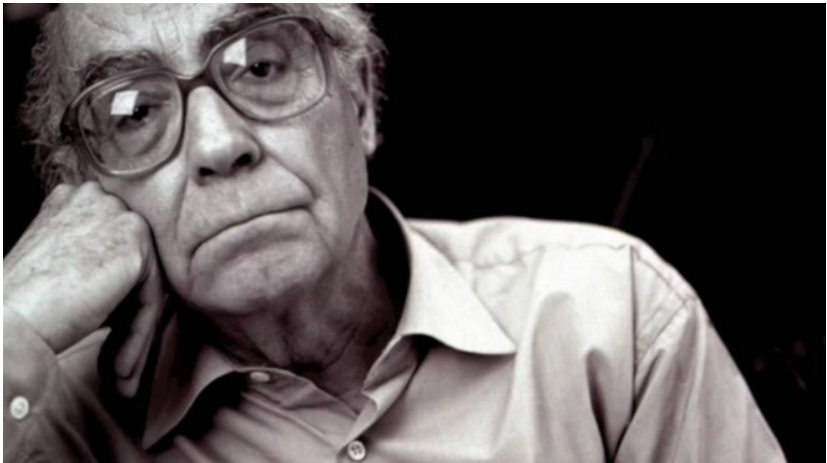


O *L'OSSERVATORE ROMANO* publica um artigo que elogia o seu “*ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*”.

O mesmo meio de comunicação social tinha acusado o escritor português de “pessimismo antropológico” e de ser um provocador, devido às suas opiniões críticas sobre a religião.

Valoriza o facto de o autor “procurar pôr em relevo o fator humano” nas suas histórias, como no *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* o romance que lhe mereceu o Prémio Nobel.



## o Vaticano pede “desculpa” a Saramago uma década depois da morte do escritor

Com um artigo intitulado “**SARAMAGO E A MIOPIA DO MAL**” do jornalista do *L’Osservatore Romano* SÉRGIO SUCHODOLAK, o Vaticano parece pedir desculpas a José Saramago, dez anos após a sua morte, altura em que acusou o escritor português de “pessimismo antropológico” e de ser um provocador devido às suas opiniões críticas sobre a religião.

Destinado a elogiar o seu *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, o romance de **José Saramago** que lhe valeu o Prémio Nobel da Literatura em 1998, o artigo do jornal do Vaticano corrige as discrepâncias do passado e valoriza o facto de o autor “**procurar pôr em relevo o fator humano**” nas suas histórias.

**Mordaz com a Igreja católica** nalgumas das suas publicações, do *Memorial do Convento* ao *Evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago disse, ao apresentar o seu último romance, *Caim*, que a “Bíblia era um manual de maus costumes”

E, contudo, *L’Osservatore Romano*, neste tempos do papa Francisco, aproveita a conjuntura da pandemia da coronavírus para recordar o *Ensaio sobre a cegueira* como um romance profundamente lúcido e original em que se descreve uma epidemia de cegueira que desencadeia o caos no seio de uma sociedade segura da sua modernidade.

O autor do artigo adverte para o facto de o elemento central do argumento do romance “**ser o da indiferença e egoísmo** que, com a propagação da pandemia, se tornam cada vez mais evidentes, e que o autor denuncia com veemência”.

Valorizando positivamente a descrição de Saramago dumas estruturas de poder “profundamente míopes”, *L’Osservatore* reivindica **a compaixão** que se desprende do *Ensaio sobre a cegueira*. Convidando “o leitor à consciência e responsabilidade de ver” e de trabalhar no auxílio aos outros, a fim de que a cidade não se transforme “num mundo de bárbaros”.

Lucía López Alonso

Dez anos após a morte do autor de *“Ensaio sobre a cegueira”*



um mural dedicado a Saramago em Lisboa

# Saramago e a miopia do mal

**N**o seu discurso por ocasião da atribuição do prémio Nobel de literatura (1998), o escritor e dramaturgo JOSÉ SARAMAGO quis prestar uma homenagem deveras carinhosa ao seu avô materno, «o homem mais sábio que já conheci, embora não soubesse ler nem escrever». Com ele, recordava ainda o romancista português,

nas noites quentes de verão, algumas vezes «eu dormia debaixo de uma grande figueira e entre os ramos altos da árvore, uma estrela aparecia-me, e depois, lentamente, escondia-se por trás de uma folha».

Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias que o embalavam suavemente. «Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas. Nada disto tem importância, a não ser para mim», dizia ele, interrogando-se a que melhor “árvore” se poderia encostar.

### **POR DETRÁS DOS ACONTECIMENTOS MAIS DÍSPARES**

Nascido na pequena aldeia de Azinhaga, em Portugal, a 16 de novembro de 1922, José Saramago faleceu nas Ilhas Canárias, no dia 18 de junho de há dez anos. Inicialmente dedicou-se à atividade de tradutor e de crítico literário, publicando uma coleção de poemas e vários textos teatrais, romances e contos. A apreciação da crítica chegou em 1982, com *Memorial do convento* e, sucessivamente, com *O ano da morte de Ricardo Reis*, mas o verdadeiro sucesso internacional veio aproximadamente uma década mais tarde, com o controverso *Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*, que em 1998 lhe valeram o prémio Nobel da literatura. José Saramago continuou a escrever até aos últimos anos de vida, assinando obras de grande relevância, como *Todos os nomes*, *As intermitências da morte* e *Caim*, seu último romance. Não obstante o pessimismo de que muitas das suas obras estão imbuídas, prestando-se a vários níveis de leitura, no décimo aniversário da sua morte preferimos recordá-lo como um autor que, no entanto, procurou destacar o fator humano que se esconde por detrás dos acontecimentos mais díspares. Para Saramago não existem heróis, mas unicamente homens, com as suas virtudes e os seus defeitos, no fundo simples porta-vozes da raça humana, dignos de uma compaixão que no *Ensaio sobre a cegueira* é bem expressa com as seguintes palavras: «Ser um fantasma deve ser isto, ter a certeza de que a vida existe, porque quatro sentidos o dizem, e não a poder ver». (*Sérgio suchodolak*)

A entrega do Nobel coincidiu com as celebrações planetárias do cinquentenário da Declaração dos direitos do homem; obviamente, o escritor aproveitou a oportunidade para recordar que «as injustiças ainda se multiplicam, as desigualdades se agravam, a ignorância cresce, a miséria se alastra» no mundo. Com efeito, a denúncia da opressão e da iniquidade que corroem o espírito humano distinguiu grande parte da sua vasta produção, na qual ele frisa frequentemente que se perdeu o sentido de solidariedade e que esta perda levou a sociedade contemporânea e as suas estruturas de poder a tornar-se profundamente míopes. Como se lê na motivação do Nobel, graças «a parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia, o autor torna constantemente compreensível uma realidade fugidia». O intenso romance *Ensaio sobre a cegueira*

(1995) é um válido exemplo disto. Nesta obra, o escritor faz uma análise lúcida da natureza humana, descrevendo o modo como, de forma inesperada e misteriosa, um automobilista parado diante do semáforo vermelho de repente fica cego, o “paciente zero” daquela que em breve tempo se tornaria uma verdadeira epidemia, atingindo indiscriminadamente todos os habitantes de um lugar não bem determinado, com a exceção de uma única pessoa, identificada simplesmente como «a mulher do médico» (na verdade, nesta história nenhum dos personagens tem nome próprio), e provocando um cenário apocalíptico.

Com efeito, o tema central por detrás dos acontecimentos absurdos e inexplicáveis desta história é o da indiferença e do egoísmo que, com a difusão da pandemia, se tornam cada vez mais evidentes, e que o autor denuncia com veemência, como dura crítica à sociedade em geral e, em particular, a esta comunidade urbana específica, na qual a cegueira “branca” - assim chamada porque quantos são atingidos ficam como que envolvidos por um mar de leite - consegue deturpar as leis mais elementares da vida comunitária, revelando o pior que se aninha na alma humana.

Aliás, revendo a natureza da desordem que se veio a criar com o surto da doença, que afetou a população de forma tão indiscriminada e insensata, questiona-se se porventura ela não estava presente já antes que a cegueira tivesse obscurecido os olhos das pessoas, se foi a repentina escuridão que criou o caos, ou se ele se tornou “visível” precisamente por causa da cegueira.

Levando a resignada protagonista feminina a dizer: «Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, cegos que veem. Cegos que,

vendo, não veem», o autor convida o leitor à consciência e à responsabilidade de ver, enquanto muitos, infelizmente, perderam esta capacidade. Perante o egoísmo exasperado, interroga-se perplexo se todos nós devemos ser cegos para ver o outro. Quando os personagens da história são abandonados à própria sorte, trancados num hospício onde os recursos são praticamente inexistentes, as regras sociais básicas, aprendidas ao longo do percurso da vida, esmorecem de repente. E o espaço deixado à sua criatividade, teoricamente ideal para conceber uma nova forma de comunidade mais solidária, transforma-se pouco a pouco, revelando ao contrário os impulsos mais primitivos do ser humano. Em pouco tempo, a única lei será a do mais forte sobre o mais fraco, em que poucos tornam impossível a vida da maioria, desanimada e

indefesa. Um mundo do qual a solidariedade é completamente banida, onde o homem chega a anular a própria evolução biológica, cultural e comunitária. Nas garras do medo do outro, somente a luta pela sobrevivência parece mantê-lo vivo.

Partidário convicto do pessimismo antropológico, mas profundo conhecedor do espírito humano, o autor afirma «que nós não somos bons, e é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso», se quisermos aspirar ao restabelecimento, e que a nossa reação em situações de impotência e abandono pode tornar-se impiedosa e perder qualquer sombra de objetividade, levando-nos ao verdadeiro desprezo pelo outro.



No final do período de confinamento, quando a mulher do médico deixa o lazareto (onde tinha entrado fingindo ser cega para salvar o marido) e enfrenta o seu destino, compreende que tudo o que acontecera não melhorou

minimamente a espécie humana. Pelo contrário, o mundo dos cegos tristemente abriu o caminho para o mundo dos bárbaros.

Entrando numa igreja, depara-se com um cenário que a deixa indignada. Todos os Santos estão vendados, e até Cristo na cruz, como se se quisesse afirmar que o próprio Deus já não merece ver: «Se os céus não veem, que ninguém veja». Na verdade, é o homem que, sentindo-se abandonado ao seu trágico destino,

não quer ser visto e culpa Aquele que, na sua opinião, não foi capaz de o salvar.

Não obstante a sua visão distópica do mundo, esta história pode fazer-nos refletir sobre os comportamentos humanos, especialmente nos momentos mais complexos e imprevisíveis da vida, se não quisermos mergulhar no absurdo. Ainda se pode esperar que para as trevas da razão haja um remédio eficaz, ou seja, o da compaixão. Um antídoto seguro contra a indiferença, o único que nos pode levar da cegueira e dureza de coração ao respeito pelo outro, matéria-prima fundamental para a construção da civilização do amor. Talvez semelhante àquela que povoava os sonhos do autor que, quando era criança, adormecia feliz com o seu avô debaixo de uma grande figueira.

SÉRGIO SUCHODOLAK

<https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2020-06/saramago-e-a-miopia-do-mal.html> (23.06.2020)

# ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

## os 25 anos de um livro indignado

«**Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo**», disse José

Saramago na apresentação do **ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA**, em Lisboa, no dia 2 de novembro de 1995. Cerca de quatro anos antes, sentado sozinho à mesa de um restaurante, à espera do almoço, ocorreu-lhe o título do livro. Em seguida pensou: e se todos cegássemos? E respondeu a si mesmo: estamos todos cegos.

Durante praticamente quatro anos a história de uma epidemia de cegueira que assola uma cidade deu voltas à sua cabeça. «(...) lutei, lutei muito, só eu sei quanto, contra as dúvidas, as perplexidades, os equívocos que a toda a hora se me iam atravessando na história e me paralisavam. Como se isto não fosse o bastante, desesperava-me o próprio horror do que ia narrando. Enfim, acabou, já não terei de sofrer mais», anotou José

Saramago no dia 9 de Agosto de 1995 no seu diário – publicado no terceiro volume dos Cadernos de Lanzarote.

Passados vinte anos da publicação do Ensaio é inegável a importância deste título no conjunto da obra de José

Saramago. Há uns anos o jornal britânico *The Guardian* fez uma lista dos cem melhores romances da história da literatura mundial, e entre os nomes estava o Ensaio sobre a Cegueira. É o romance mais lido e traduzido de José Saramago, mas é também o mais duro e pessimista, o que demonstra que não houve qualquer concessão da sua parte para que seus livros chegassem a mais pessoas. «**A injustiça do mundo é a dos que, podendo ver, cegam os outros, retirando ao ser humano a possibilidade de se desenvolver. Não compreendo que uma sociedade que dispõe de meios científicos e tecnológicos de toda a ordem não resolva certos problemas. A minha forma de me insurgir é este livro (...) Este livro é um livro indignado**», disse José Saramago ao Expresso em outubro de 1995.

Hã vinte [vinte e cinco] anos nascia um livro indignado, cruel e belo como só a vida pode ser. Era o alerta de um romancista para o facto de que estamos cegos. Ou, como diz uma das personagens do livro, de que somos «**cegos que, vendo, não vêem**».

Revista *Blimunda* nº 42, novembro de 2015, pág. 4, Fundação José Saramago.

**N**inguém o diria. Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana. As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobrancelhas de repente revoltas, tudo isso, qualquer o pode verificar, é que se descompôs pela angústia. Num movimento rápido, o que estava à vista desapareceu atrás dos punhos fechados do homem, como se ele ainda quisesse reter no interior do cérebro a última imagem recolhida, uma luz vermelha, redonda, num semáforo. Estou cego, estou cego.

**Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais**, tantas vezes o repetiu, que o resto da camarata acabou por transformar em máxima, em sentença, em doutrina, em regra de vida, aquelas palavras, no fundo simples e elementares.

(...) para tudo faltam os olhos. Também os faltam para ver este quadro, uma mulher carregada com sacos de plástico, andando por uma rua alagada, entre lixo apodrecido e excrementos humanos e de animais, automóveis e camiões largados de qualquer maneira e atravancando a via pública, alguns com as rodas já cercadas de erva, e os cegos, os cegos, de boca aberta, abrindo também os olhos para o céu branco, **parece impossível como pode chover de um céu assim.**

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, diz, **Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem.**

Ninguém fez perguntas, o médico só disse, Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma, A alma, perguntou o velho da venda preta, Ou o espírito, o nome pouco importa, foi então que, surpreendentemente, se tivermos em conta que se trata de pessoa que não passou por estudos adiantados, a rapariga dos óculos escuros disse, dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.

(...) então a mulher do médico compreendeu que não tinha qualquer sentido, se o havia tido alguma vez, continuar com o fingimento de ser cega, está visto que aqui já ninguém se pode salvar, **a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança.**